

**IV Congresso Científico Internacional da RedeCT-congresso.redect@gmail.com
07 a 10 de novembro de 2023 – UNAMA/PA e FAAC-UNESP / Bauru/SP
Universidade da Amazônia – UNAMA (Campus Alcindo Cacela/Belém – PA, Brasil)**

GT 8 – Educação diferenciada e diversidade no ensino superior: construção de territórios de saberes

**Reinaldo de Jesus Cunha¹
Yury Fernandes Campos Fernandes²**

Título: Ipa Theã One: Flecha para o coração da sociedade não indígena.

Resumo: O objetivo do presente trabalho: Ipa Theã One: Flecha para o coração da sociedade não indígena; KOPENAWA – Fora do Lugar de Fala. Nasceu de diálogos no Laboratório Geru Maa UFRJ/IFCS, em trabalho de Extensão Universitária do Núcleo de Estudos da História Indígena. Em debate sobre o texto de Grada Kilomba, de Tradução de Anne Caroline Quiangala – em que autora relata sua experiência fora do lugar de fala; “Sentindo Fora do Lugar”. Esse texto nasceu da necessidade de escrever uma experiência vivida de estar fora do lugar do outro, de poder falar. Pode o Subalterno Falar? A mesma: diz que não: “É impossível para a subalterna falar ou recuperar a sua voz e, mesmo que ele tivesse tempo com toda força e violência, sua voz não seria escutada e compreendida pelos os que estão no poder”. Propomos nesse artigo dialógico de extensão universitário, fazer um contraponto com a filosofia preta e indígena. Davi Kopenawa, pode expressar melhor o sentimento fora do seu território ancestral. Mas Quem é Davi Kopenawa? Kopenawa, é presidente da Associação do povo Yanomami; Pajé e Líder Espiritual. Esteve em Conferência para estudantes no auditório da UFF/Cine, em evento que ganhou o nome de “Ipa Theã One: Flecha para o coração da sociedade não indígena”; com centenas de alunos das mais diversas áreas do saber.

Palavras Chaves: Ipa Theã One; Kopenawa; Conferência; pajé yanomami; fora do lugar.

¹ Mestrando em Antropologia Social, UFRJ/Museu Nacional – reinaldopotiguara@gmail.com

² Licenciatura em Filosofia IFCS/UFRJ – yurif.camposfernandes@gmail.com



Davi Kopenawa - Foto: VICTOR MORIYAMA / ISA



Katiúscia Ribeiro – Doutoranda IFCS / Geru Maa

Introdução: A pesar de toda sorte de discriminação e racismo que sofrem os povos originários e quilombolas em nosso país. Ainda assistimos em pleno século XXI, na grande mídia e meios de comunicação de massa; o preconceito enraizado, o racismo disfarçado, o encarceramento em massa do povo negro bem como: o extermínio dos povos afro-ameríndios. E isso não ocorre por acaso, aliás, faz parte da política que no passado teve seu viés, pelo branqueamento racial forçado; o apagamento de identidades, costumes e tradição de centenas de nações. Além do extermínio e escravidão de corpus preto. O etnocídio foi praticado aos indígenas para atender aos anseios de colonizadores vorazes por quinquilharia... e nobreza. Os que discordavam ou mesmo não se deixavam assimilar aos invasores (branco) eram exterminados. Não foi uma tarefa fácil para os indígenas resistir o apagamento cultural, esquecimento de seus costumes, tradições e modo de ser. O mesmo também aos corpus preto. Pierre de Clastres, em seu livro: A sociedade Contra O Estado; vai dizer: Que o Etnocídio é a Morte da Alma". E foi exatamente o que os colonizadores fizeram quando proibiram os negros de cantar, dançar, fazer suas mandigas. Quem é que gosta de ser escravo? Embora tudo natural para o branco, esse processo de domesticação de corpus; estupro, e assassinatos. Resistir ontem e hoje é preciso... é uma luta constante e diária. Embora, hoje tenhamos as cotas raciais e políticas afirmativas: os povos tradicionais entrou para a Universidade. É visível que as políticas afirmativas está dando cidadania a uma parcela da população sub-representadas nas instâncias de poder: Judiciário, Executivo e Legislativo. A presença do negro e indígena nos cargos e representação nesses espaços, ainda é muito pequena em comparação com o povo branco. Alguns vão dizer que isso se deveu a conquista do poder por setores mais à esquerda, com o governo Lula e Dilma. A presença nas graduações, pós-graduação de afro-ameríndios nas universidades, cresceu muito e vem crescendo a pesar de um segmento da população ser contra as cotas. E esse crescimento tem gerado conflitos, ataques dos brancos para acabar com a política de cotas em escolas e universidades, o que é um equívoco. Pois a presença de corpus subalternizados, tem possibilitado a formação de mestres, doutores e pós-doutores nas universidades. Apesar desse avanço, aqui e ali, vimos o surgimento de projetos de Lei, propostos por parlamentares brancos, propondo o fim da política de cotas. O lugar de fala dos afro-indígenas, ainda está longe de se materializar, devido a perseguição, da colonização de mentes e corpos negros, por mais de 519 (quinhentos e dezenove anos). A pesar da obrigatoriedade do estudo da língua indígena e africana, com a positivação da Lei 11.645/2008. Na prática, o que prevalece dentro nas escolas de primeiro, segundo grau e

na academia é o estudo da cultura do branco, do “eurocêntrismo”, como centro, como modo de ver o mundo”. E para mudar essa lógica, diversos esforços estão sendo feitos pela comunidade indígena e africana. A começar, com a criação do Núcleo de Estudos Ameríndios do IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF); com a criação do Laboratório Geru Mã, que conta com hoje com a participação de 77 (setenta e sete) estudantes. Apesar de recém criado, Laboratório Geru Mã, vem intensificando várias linhas de pesquisas de estudos filosóficos, antropológicos e ameríndios, com a finalidade da produção de textos, tradução acadêmicas, pesquisa e extensão e ensino. Os núcleos de pesquisa criados até o presente, são 07 (sete): Filosofia Antiga; Ontologia, Subjetividade e Ancestralidade; Estética e Filosofia da Arte Africana; Filosofia Política; Lógica Africana; Filosofia Contemporânea e Estudos Ameríndios. E para alcançar o nosso referencial teórico a narrativa de Juruá (branco) em contraposição às narrativas eurocêntricas; escolhemos como contra-ponto: a entrevista da Doutoranda Julie Dórico mestre do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sobre o estudo da Literatura Contemporânea Indígena e Katiuscia Ribeiro, professora, Mestre em Filosofia e Ensino pelo programa de Pós-graduação de Filosofia e Ensino – PPFEN – CEFET / RJ. Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós Graduação de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS/PPGF. Coordenadora do Laboratório de pesquisa em Filosofia Africana - Geru Mã no IFCS/UFRJ. Bem como Davi Kopenawa, que escreveu o Livro: “A QUEDA DO CÉU”, em conjunto com Bruce Albert. Aproveitar a presença de Kopenawa em Niterói em conferência para estudantes, para falar da educação indígena e acesso à universidade. Falar de Davi Kopenawa, segundo Julie Dórico, é falar de literatura contemporânea, em contraposição ao discurso e ideário branco. “Ao pensar a literatura indígena não devemos cair na armadilha de observá-la a partir dos cânones ocidentais. “Essas produções indígenas dão uma abertura muito maior ao conceito de literatura indígena, de modo que não se restringe ao texto escrito, incluindo, também, os cantos, as danças, os grafismos”, esclarece Julie. “A literatura indígena assume os índios como protagonistas e produzida por eles próprios.



Fotos: Reinaldo Potiguara – Encontro Geru Mã / IFCS UFRJ

Devemos ter o cuidado de não homogeneizar suas cosmologias, porque são povos muito diversos, com visões de mundo diferentes, apesar de aspectos em comum, como a demarcação de terra, porque a territorialidade é condição essencial para a vida indígena”, salienta. Fonte: Ricardo Machado (18 Abril 2018) [Revista IHU online](#). Em se tratando de filosofia e história afro-indígena, estamos falando de cosmovisão e/ou cosmo sensação, peculiar ao sentimento africano. O Brasil, em seu vasto território, recebeu diversas povos, com sua cultura própria. Segundo historiadores renomados, os primeiros

habitantes do Rio, pois foram os povos Sambaquis, ou monte de conchas, que trouxeram vasto conhecimento, da astronomia, culinária, medicina no nosso continente.



Foto: Reinaldo Potiguara – Temática Indígena IFCS / UFRJ

A doutoranda em filosofia Kemética, [Katuscia Ribeiro](#), em reunião com a equipe de pesquisa do [GERU MAA](#), no IFCS, em 08/05/19, disse que os negros e indígenas pensam pelo coração, e não com a razão socrática do branco. “As investigações epistêmicas e historiográficas do Laboratório Geru Mãe, tem como compromisso, pensar a filosofia Africana procurando trazer uma produção que reverbere na contemporaneidade, tendo a responsabilidade de buscar nas referências ancestrais africanas, princípios que contribuam em quanto povo preto hoje”. Pois, continua [Katuscia: O Geru Maa](#): “É o principal filósofo Kemético, de Amenomope. Em o Uso do Tempo: de [Molefi Kete Assante](#). O mesmo vai dizer que Amenomope deu ao povo egípcio a sabedoria que ele observou nos seus próprios comportamentos. Como um estudioso da natureza humana e das cosmogonias do Egito que eram de muito tempo atrás, o filósofo podia combinar os elementos do mundo natural com aqueles da condição humana e desenvolver uma abordagem para o humanismo que é mais significativa para a sociedade. Sua abordagem, como vista nas Instruções, é aconselhamento direto. O texto que segue abaixo, segundo o auto vem do Museu Britânico Papiro 10474. Um fragmento do manuscrito ocorre em uma tabuinha de escrever em Turim. A data é geralmente estabelecida como no século 10 a.C.

[...] “Dê ouvidos, ouça o que é dito, Permita seu coração entendê-las. Deixar estas palavras chegarem ao seu coração é valioso. Mas ignorá-las é danoso. Deixe-as descansar no meio do seu ventre, De modo que elas possam ser uma chave para o seu coração. Quando há um tornado de palavras. Elas devem ser um local de ancoragem para a sua língua. Se você gastar o seu tempo enquanto isso está no seu coração, Você será bem-sucedido. Você achará minhas palavras um tesouro da vida, E você irá prosperar sobre a terra.” [...] “Guarde a si mesmo contra roubar os oprimidos. E contra ser arrogante com fisicamente desafiados. Não estique sua mão contra um homem velho. Nem roube o discurso dos anciãos. Não permita a si mesmo ser enviado para uma missão perigosa. Nem ame quem a leve. Não grite contra aquele que você atacou. Nem responda a essa pessoa em seu próprio benefício. Aquele que faz o mal é abandonado pelas margens dos rios. E as águas da inundação varrem-no. O Vento do Norte vem de modo que pode terminar nas suas horas; Ele é juntado à tempestade; O trovão é alto e os crocodilos são perversos. Você amigo impulsivo, como vai agora? Djehuty estabeleça seu crime contra ele! Então, oriente para que possamos trazer o homem perverso, Pois não devemos agir como ele – Deixe-o em pé, dê a sua mão; Deixe-o nos braços de deus; Preencha seu estômago com o seu pão. De modo que ele esteja satisfeito e seja envergonhado. Outra boa obra no coração de deus.”

Sobre a transcendência em Ma’at, Katuscia referência, dizendo: “significa o nosso elo vital.”

[...] “E deve ser entendido como (exercício diário do bem viver), uma vez que se trata de um saber que está ligado diretamente ao sujeito: O cosmos, O ser (nós) ao todo equilíbrio da alma; enquanto raiz do conhecimento ontológico e cosmológico, de uma ética de responsabilidade individual para um projeto de integral de sustentabilidade humana e social com a natureza do mundo. Sem dúvidas: o pensamento especulativo transcende a experiência, mas tenta sempre explicá-lo, interpretá-lo, e unifica-lo para sistematizá-lo. O pensamento especulativo usando aforismos, alusões, metáforas, métodos negativos, ou positivos e dialética, pode ser oral, escrito, está necessariamente ligado aos problemas da vida”. Assim: “A filosofia pode ser definida como pensamento reflexivo, sistemático sobre a vida”.

Pensar o estudo afro-ameríndios, sem contudo, levar em consideração a luta do negro e dos povos indígenas, é tapar o sol com a peneira, é fingir que não está acontecendo nada. Nesse sentido buscamos nesse trabalho o elo vital, a transcendência, um modo de vida saldável. Pois, o Xapiri com equilíbrio de Maat, nos enviou a mensagem na “pele de papel”, dizendo que está muito triste na voz de um xamã Yanomami. E que o equilíbrio do nosso ecossistema está em nossas mãos... pois o céu já caiu mais de uma vez, e cairá sobre nossas cabeças devido as nuvens de metal.



Foto: Reinaldo Potiguara – foto de exposição Cine/UFF

Ipa Theã One: Flexa para o coração da sociedade não indígena. KOPENAWA – Fora do Lugar de Fala?

A Sociedade Indígena e Não indígena, recebeu dia 30/04/19, às 17:h, no [Centro de Artes da UFF](#), na Rua Miguel de Frias – N.9, Icaraí em Niterói, Davi Kopenawa. Kopenawa é pajé e Líder espiritual e presidente da Associação Indígena yanomami. O evento Brasil a Margem - Teko Porã: Cosmovisão e Expressividades Indígenas, organizado pela UFF. Reuniu nos dias 24 a 30 de Abril, diversas lideranças indígenas e não indígenas; A comunidade acadêmica e estudantes. No saguão do Centro de Artes, Foi disponibilizado aos visitantes: exposição de fotografias indígenas. Segundo os organizadores da Conferência Ipa Theã One: Flexa para o coração da sociedade não indígena. Segundo a definição dada pelos organizadores da Conferência: “Em guarani: Teko Porã, em quechua Kawsai, Suma qanaña, em aymara, todos estes termos se referem a idéias sobre o Bem Viver em comunidade, uma busca por equilíbrio nas relações entre as pessoas e o meio ambiente capaz de compreendê-lo como um ser vivo e ativo. Essas idéias e valores dos

povos ameríndios têm sido retomados e repensados como proposta para a sociedade; Uma alternativa ao aprofundamento das desigualdades sociais; A degradação da natureza e as perdas das dimensões empáticas e afetivas nas relações humanas. “Davi Kopenawa, é liderança do povo Yanomami; Líder espiritual e uma das principais vozes do mundo em defesa dos povos da floresta e da vida”.



Foto: Reinaldo Potiguara – público Cine/UFF - auditório

A doutoranda, Julie Dorrico, argumenta com relação a escrita indígena: “A civilização deveria ler/ouvir/conhecer as palavras dadas pelo xamã yanomami, porque elas possuem a voz da ancestralidade. Porque elas nos ensinam modelos alternativos de convivência com o meio ambiente, com o homem, e com a própria noção de posse e partilha. E, além disso, porque elas nos apresentam uma diferença antropológica relatando-se, apresentando-se a nós, para além das caricaturas que dela fizemos. Sua originalidade consiste na condição antropológico-ontológica que resiste no tempo e no espaço”. O que pode a arte quando a sociedade é levada ao limite? Quais as potências nas formas expressivas dos povos ameríndios vêm sendo invisibilizadas e colocadas à margem tanto social, quanto esteticamente? Esses questionamentos estava colocados no cartaz, pela produção do evento que contou com o apoio do Centro de ARTES UFF – Rádio Indígena [YANDE](#) e a Universidade Federal Fluminense. Maiores informações foram disponibilizados no site: www.centrodeartes.uff.br, e em convite distribuído ao público. Esse não foi o primeiro evento desse porte, organizado pelos idealizadores.



Foto: Reinaldo Potiguara – autógrafos Davi Kopenawa UFF/cine

Na verdade essa é a segunda edição, realizada no Teatro da UFF. Segundo os organizadores: “A margem se propõem a ser um espaço acolhedor, abrindo seus espaços dedicados à arte, para as idéias; visões e formas expressivas tradicionais e contemporâneas dos povos indígenas, colocando em questão as concepções de arte, suas linguagens e o próprio conceito do contemporâneo, historicamente determinados sobre critérios do ocidente”. A figura ilustre, a presença de Davi Kopenawa, transcende o local do seu nascimento e convívio social. Pois, vem ao encontro dos defensores da terra, dos animais que vivem na floresta, dos encantados que apelam por socorro na pele de papel, na fala do xamã Yanomami. Segundo Julie Dorrico: “A mensagem do xamã estende-se não apenas em sua defesa, mas de todos os humanos. A destruição maciça da floresta prejudica não somente o modo de vida dos Yanomami, mas também daqueles que a destroem”.



Fotos: Reinaldo Potiguara - Temática Indígena IFCS / UFRJ

No Brasil, a terras está nas mãos do agronegócio, latifundiários e políticos que roubam e saqueiam. Destroem tudo e, benefício do lucro à custa do caos. Continua Julie Dorrico: “Controlada por empresas que detêm o monopólio econômico, a riqueza de poucos traz sérias consequências para muitos. É nesse sentido que devemos ouvir o que diz o xamã para aprendermos que a Terra não é colônia de exploração, é o lugar que habitamos, de que ela não é uma propriedade, mas uma partilha, um presente que foi dado gratuitamente a todos e para o usufruto de todos”. O evento trouxe a riqueza da cosmovisão e expressividade indígena, com debates, oficinas, exposições, espetáculos, música e mostra de cinema.

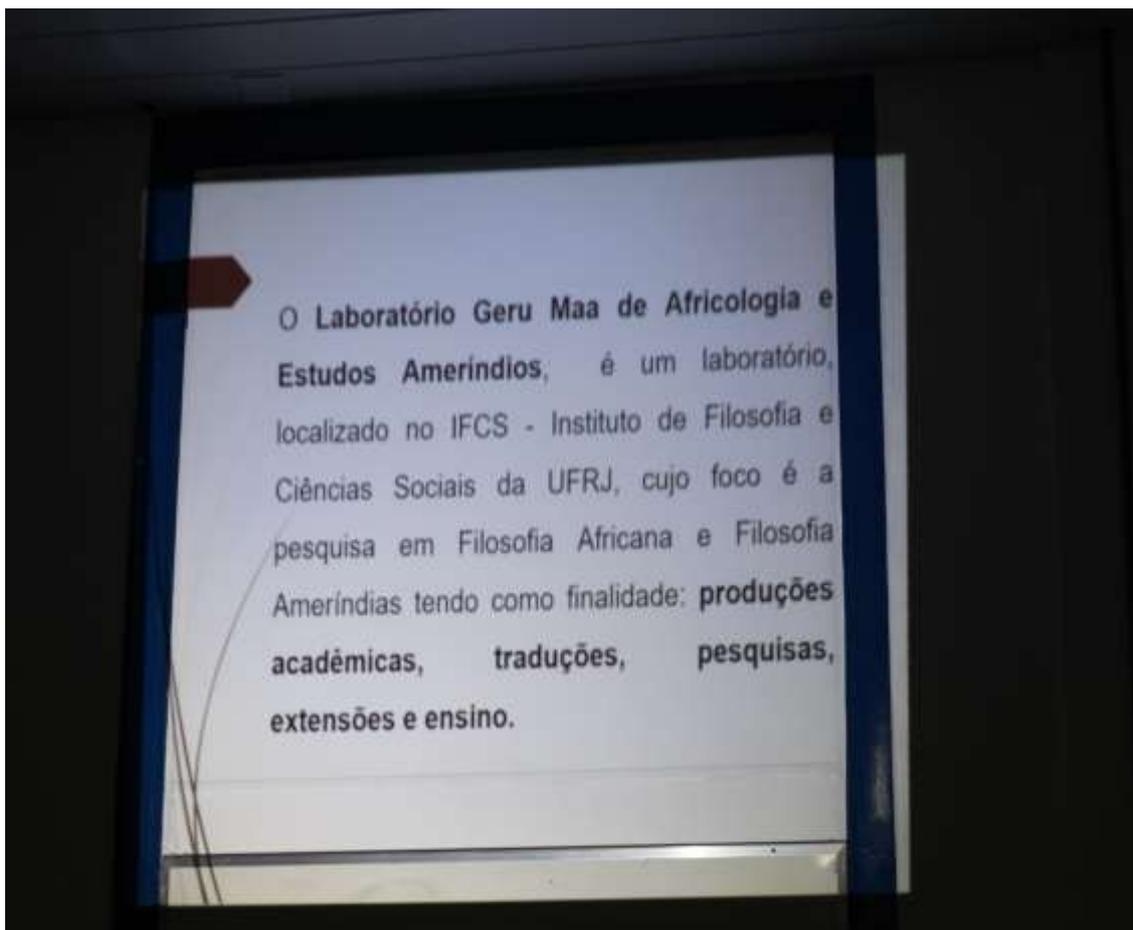


Foto: Reinaldo Potiguara – slide de apresentação Laboratório Geru Maa

O público prestigiou o evento lotando os assentos e ocupando todos os espaços disponíveis, foram ocupados majoritariamente por estudantes e acadêmicos. Após a apresentação do Davi Kopenawa, por cerca de vinte minutos. Foi franqueada a palavra ao público, que interagiu fazendo perguntas sobre a sua militância em Defesa dos Povos da Floresta, e do recente livro: “A Queda Do Céu”, escrita por ele e Bruce Albert. As principais questões trazidas por Kopenawa, foram relativas ao desmatamento nas Terras Yanomani; A poluição atmosférica causadoras do efeito estufa; A relação dos indígenas com as autoridades brasileiras na área de educação e saúde; Além do apoio que ele recebeu de ONGs e governos estrangeiros, contra o desmatamento na Amazônia.

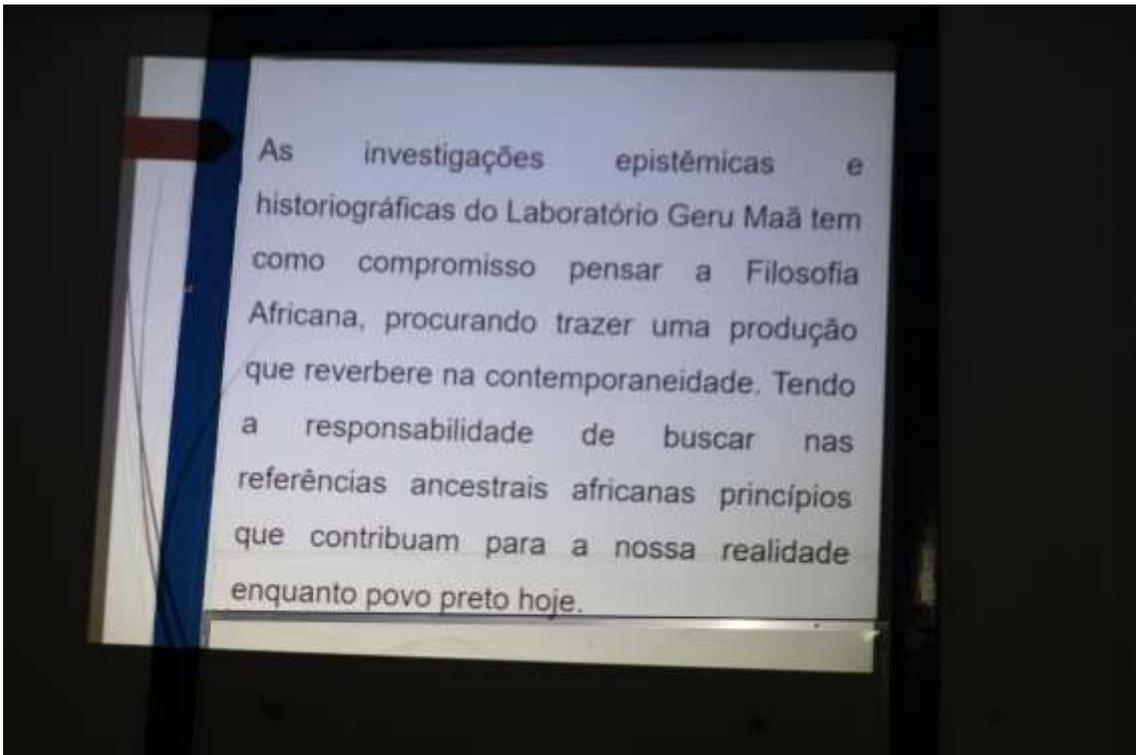


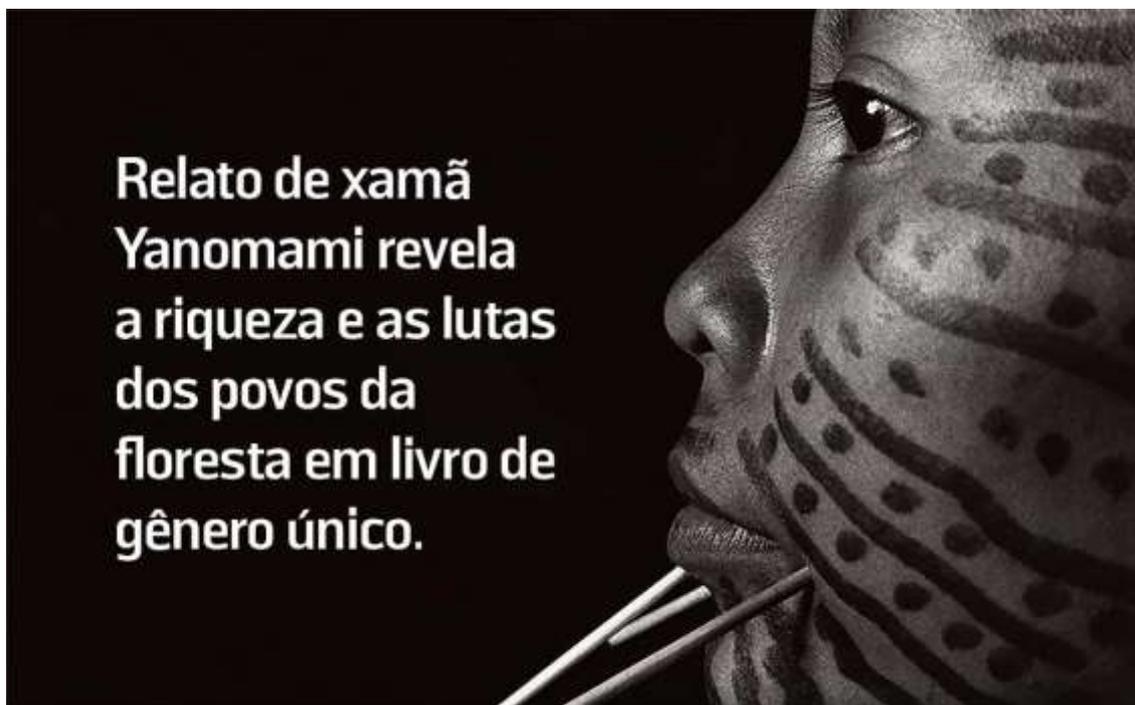
Foto: Reinaldo Potiguara – slide de apresentação Laboratório Geru Maa

Quem é Davi Kopenawa? Kopenawa segundo o Instituto Sócio Ambiental. “Davi é Líder espiritual, Xamã e porta-voz do povo Yanomami do Brasil. Nasceu em 1956 em uma comunidade isolada do norte amazônico. Sua família foi morta por uma violenta epidemia de rubéola quando ele tinha 11 anos. Vinte anos mais tarde milhares de garimpeiros em busca de ouro invadiram o território Yanomami. Para impedir a tragédia anunciada, Davi se engajou em uma luta ao redor do mundo onde é reconhecido como uma dos maiores defensores da Amazônia e de seus primeiros habitantes. Em 1988, Davi recebeu o Global 500 Award das Nações Unidas e em 1989 o Right Livelihood Award considerado o prêmio Nobel alternativo. Foi condecorado em 1999 com a Ordem do Rio Branco pelo Presidente da República brasileiro e em 2008 recebeu uma menção honrosa especial do prestigiado Prêmio Bartolomé de Las Casas outorgada pelo governo espanhol por sua luta em defesa dos direitos dos povos autóctones das Américas”.



Foto: Reinaldo Potiguara – exposição de fotos no saguão da UFF/Cine

Sobre o Livro a Queda do Céu, sintetiza [Julie Dorrico](#): “Gostaria, contudo, de ressaltar dois aspectos em especial: o primeiro é que os xapiri não tocam no plano material, quando eles querem ficar perto dos humanos, eles caminham pela floresta por um caminho espelhado que eles mesmos projetam e criam, nunca tocando o chão; eles são por demais puros. Quando um xamã bebe o pó da yãkoana, os espíritos os ensinam, pelo canto e dança, a caçar, curar doenças, a celebrar a vida.



**Relato de xamã
Yanomami revela
a riqueza e as lutas
dos povos da
floresta em livro de
gênero único.**

Foto: Reprodução da Internet - divulgação

Contudo, acrescenta Julie Dorrico: “Com a ação predatória do não indígena, o desmatamento desmesurado da floresta, este forasteiro coloca em risco não só a sobrevivência física do sujeito yanomami, sobretudo a cosmologia na qual os Yanomami radicam seu modo de vida. Antes do contato, quando um yanomami ficava doente, na cultura yanomami a doença significa que a imagem do sujeito está sendo atacada por um espírito (yarori), e os xapiri precisam intervir recuperando a imagem desse sujeito, resgatando-a do ancestral animal raptor, e devolvê-la ao paciente yanomami. Hoje, com as epidemias do ‘branco’, os xapiri pouco podem fazer para ajudar. Estas imagens (estas doenças), eles não as conhecem, por isso não podem fazer nenhum ritual de cura e, além disso, a doença física resultante do contato com o branco significa a doença no plano espiritual dos xapiri. O mundo material e espiritual adoce concomitantemente pondo em risco toda a vida comunitária”. (Julie Dorrico – entrevista abril de 2018 – [Ricardo Machado – IHU ON-LINE](#)).

[...] “O **xamã** nos mostra que a **modernidade** tem uma relação tão essencial com a **mercadoria** que transcende e subverte o sentido normativo das relações humanas: de fins passamos a ser meios, ao passo que as mercadorias de meios passam a ser fins”, critica a entrevistada. Uma das características mais potentes do livro é que as tensões trazidas no texto evidenciam que a **visão xamânica** do mundo não se dá em termos individualizantes, mas relacionais. “O xamã **Kopenawa** pode, para além da reconfiguração da imagem de seu povo e a

sua, compartilhar outras epistemologias que não se subsumem ao binarismo moderno: natureza x cultura, indígena x não indígena, mulher x homem etc.”, analisa. “Devemos ouvir o que diz o xamã para aprendermos que a Terra não é colônia de exploração, é o lugar que habitamos, de que ela não é uma propriedade, mas uma partilha, um presente que foi dado gratuitamente a todos e para o usufruto de todos”, complementa.

Ainda sobre o Livro: “A imponente obra A queda do céu (São Paulo: Companhia das Letras, 2015), com quase 800 páginas, escrita em parceria entre o xamã Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert, converteu-se em um dos grandes livros de nosso tempo. Além de ser um rico relato das cosmologias Yanomami “a etnografia do mundo espiritual oferecida por Davi não tem comparação na literatura etnológica e fornece, para além de uma descrição de um mundo que desconhecemos, o ponto de partida de onde se lança a crítica ao mundo das mercadorias e a advertência da queda do céu , esse fim de mundo previsto pelos xamãs Yanomami , que nós estamos conhecendo como o antropoceno”, aponta José Antonio Kelly Luciani , que é graduado em Engenharia Eletrônica pela Universidade Simón Bolívar, na Venezuela. Realizou mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge, Inglaterra em entrevista por e-mail à IHU On-Line”. (Ricardo achado 19/08/2017).



Foto: Reinaldo Potiguara - autógrafos de Kopenawa – Queda do Céu

Com a palavra, e bastante sorridente, Davi Kopenawa saudou a platéia, agradeceu o convite, dizendo que estava feliz em estar no Cine Arte da UFF. Justificou o convite dizendo que foi chamado para conversar e trocar idéias a respeito do povo Yanomami, e das principais dificuldades enfrentadas pelo povo Yanomami com a invasão de madeireiros e garimpeiros em seu território. “Ao vir ao Rio, presto as minhas homenagens aos povos ancestrais que morreram por perseguirão e doenças advindas do homem branco”. E acrescenta: “Meu nome é Davi Kopenawa Yanomami. Sou liderança indígena

tradicional e aprendi na prática. A minha educação não foi de bancos escolares, mas sim em ouvir, em falar com o homem branco. Sou pajé e aprendi a cura Yanomami com Omama. Porque se a floresta for completamente devastada nunca mais vai nascer outra.

Sobre a narrativa de Kopenawa, Julie Dorrico, no seu estudo e pesquisa ressalta: “O conhecimento da literatura indígena é, também, uma forma de descolonização do pensamento e dos saberes ocidentais como essencialmente homogeneizantes e determinantes do que podemos gostar-estudar-conhecer, tal como o xamã yanomami nos ensina na obra *A queda do céu*. Esta abertura a outras epistemologias é uma alternativa para dialogarmos com as diferenças, educando-nos com novos olhares e saberes, sobretudo, pelo que tenho aprendido com essa literatura, em termos de sensibilidade às diferenças”.



Foto: Reinaldo Potiguara – plateia no Cine UFF

Discorrendo sua narrativa diz Kopenawa: “Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos de Omama. Meu único professor foi Omama. Eu trabalho com a força da natureza. Sou presidente da Associação Yanomami e fui convidado para vir aqui para falar de mudança climática. Os fazendeiros vem desmatando e derrubando nossa floresta. Eles não conhecem que existe árvore venenosa que mata gente. A sociedade não indígena não conhece as florestas. As fumaças, os gases vem lá de cima e cai aqui em baixo, matando a gente aqui na terra. Na minha aldeia agente ver porque o sol fica amarelo.

O povo da mercadoria vem se multiplicando e aumentando a população não indígena. E a poluição vem causando prejuízo para os índios e não índios. Vocês são brasileiros, nasceram nesse país, e por isso que devem se preocupar com a natureza. As autoridades

capitalistas vem destruindo a mãe terra. E vocês tem obrigação de cuidar, de pedir ao criador para proteger a terra, ou vocês esqueceram? Nós, povo Yanomami pedimos tudo a Omama”. Com relação ao Livro a Queda do Céu, Kopenawa disse que estava muito contente com as pessoas que estão lendo o livro. “Levei muito tempo para traduzir com Bruce Albert.

Foram muitas horas de gravação, traduzida para trazer para vocês um pouco da nossa história e nossos costumes”. Com relação a saída da “Aldeia Maracanã” - Casa Grande Yanomami, para o território branco. Kopenawa disse que foi obrigado a sair do território para poder reconquistar a terra ocupada por garimpeiros e madeireiros. “Essa luta não foi só minha e da minha comunidade yanomami”, esclareceu ao público: “Essa luta pela conquista do nosso território, tivemos o apoio de autoridades brasileiras e estrangeiras. A terra yanomami é para o nosso povo viver e não para ser roubada”.



Foto: Reinaldo Potiguara – exposição de foto no saguão da UFF/Cine

Segundo Davi Kopenawa: “As autoridades brasileiras dizem que o território Yanomami é muito grande para os indígenas e justifica a luta: “É por isso que eu lutei para garantir para o nosso povo a nossa terra”. Desconfiado, da interação do público com sua fala, Kopenawa perguntou a platéia: “Vocês estão entendendo o que estou falando”? O público acenou positivamente. E continua: “O meu criador Omama me fez compreender o caminho de luta e de resistência para retomada do nosso território”. E continua: “O branco invadiu nossa terra Yanomami, ainda quando eu era muito pequeno.

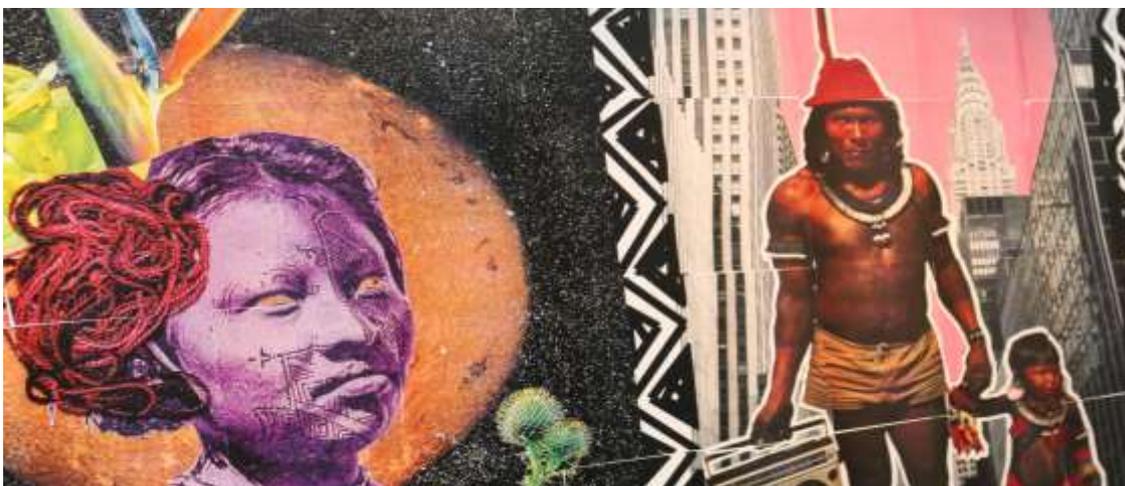


Foto: Reinaldo Potiguara – exposição de foto no saguão da UFF/Cine

Ressaltando a identidade Indígena, Ailton Krenak, nos ensina: “Quando uma criança krenak nasce, não vai para a creche, fica com a mãe, as avós e as tias. Partilham um cotidiano e um modo de estar na vida. As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedores, porque, para uns vencerem, outros têm de perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida onde o indivíduo conta menos do que o coletivo. Este é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. Ailton carrega no apelido a pertença à sua gente, o povo krenak”. (Christiana Martins, no Expresso 22/10/2018).

Kopenawa viajando para o mundo: “A primeira saída para terras estrangeiras, se deu a convite de [Ailton Krenak](#), que receberia uma homenagem, um prêmio na Europa, e me convidou. Dessa oportunidade foi que conheci a Grécia. Daí em diante, tenho visitado cidades para divulgar nossa luta e o livro tem contribuído para vocês conhecerem nossa história,” acrescentou.

Finalizando, [Davi Kopenawa](#), aconselhou os estudantes indígenas a continuarem conectados as suas aldeias, ao seu povo e não se deixar levar pela cultura do branco. “Passou o período do estudo na faculdade, volte para sua terra, volte para seu povo, não se deixe levar pelas mercadorias do branco”, recomendou. Concluído, Kopenawa disse que as doenças do branco chegou nas aldeias Yanomami e isto tem sido um grande problema. “O governo tem a obrigação de resolver os problemas que são gerados pelos os não indígenas à comunidade Yanomami.

Sobre a [Literatura Contemporânea indígena](#) e de autores indígenas. [Julie Dorrico](#), que é mestre do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul descreve a literatura indígena: “Ao pensar a literatura indígena não devemos cair na armadilha de observá-la a partir dos cânones ocidentais. “Essas produções indígenas dão uma abertura muito maior ao conceito de literatura indígena, de modo que não se restringe ao texto escrito, incluindo, também, os cantos, as danças, os grafismos”, esclarece Julie. “A literatura indígena assume os índios como protagonistas e é produzida por eles próprios. Devemos ter o cuidado de não homogeneizar suas cosmologias, porque são povos muito diversos, com visões de mundo diferentes, apesar de aspectos em comum, como a demarcação de terra, porque a territorialidade é condição essencial para a vida indígena”, salienta. Fonte: Ricardo Machado (18 Abril 2018) [Revista IHU online](#).

O importante ressaltar que a cosmologia africana e a indígena dada a sua singularidade, nos faz pensar e agir em defesa da natureza; do equilíbrio do ser, no pensar e agir. Mas não no sentido ocidental, como se o ocidente fosse o centro. E ai cabe nos indagar? Quem são os povos, os primeiros habitantes no Brasil? Não caberia uma resposta pronta e acabada, pois são centenas de culturas, habitat, modo de pensar. Algumas teorias vão dizer que esse homem veio migrando do continente africano, e/ou polinésia, começando pela a ocupação da América. Em se tratando de cosmovisão Yanomami e a cosmo sensação africana, Diria o que move as ações afro-indígenas, é a relação com o cosmos, a pureza do pensamento, a linearidade do pensar com o coração. Diferente da cosmovisão

ocidental que vai pelo racional, o lógico socrático. A professora e doutoranda em filosofia, Katiúscia Ribeiro, (IFCS) argumenta que a cosmologia africana e a indígena tem maior sintonia com a natureza, pois, o equilíbrio, a serenidade, os saberes ancestrais faz parte de um todo, ele não é separado do ser, como no pensamento ocidental. Segundo [Katiúscia: A Filosofia Kemética](#) de Maat é a personificação da virtude perfeita. Pois, Maat significa basicamente “o real”, “a realidade”, isto é, aquilo que é genuíno e autêntico, em oposição ao artificial ou espúrio. Maat é a realidade como um todo, isto é, a totalidade de todas as coisas que possuem realidade, existência ou essência. Maat é aquilo que existe objetivamente. De fato, Maat é aquilo que tem a existência necessária e não apenas contingente. É por isso que Maat está em toda parte e permeia toda a criação (er-djer). Significa também que Maat é pertinente a todas as esferas da realidade, a divina ou a sagrada, a cósmica, a física, a política e a familiar. Em suma, Maat é um conceito exaustivo e abrangente. Essa inclusividade faz dela um todo ordenado e esteticamente coerente; é por isso que Maat também significa a ordem da totalidade da existência. Assim, tudo no universo que é real e ordenado é a expressão ou manifestação de Maat. Em particular, quando na sociedade os seres humanos se comportam da maneira correta ou agem da maneira correta, eles estão manifestando Maat. Daí esses outros significados de Maat, como “verdade”, “justiça”, “retidão”, “correção”. Maat é a mais alta concepção de lei física e moral conhecida dos antigos egípcios. Assim é que a deusa Maat era a personificação da lei, ordem, regra, verdade, retidão, certo, cânone, justiça, franqueza, integridade, consciência e perfeição. A civilização egípcia foi construída sobre este conceito inclusivo, com sua grande fecundidade de significado. No entanto, falar de Maat é inútil, se não for praticado. Na verdade, Maat é um modo de vida e espiritualidade. (Theophile Obenga ♀) via:Katiúscia Ribeiro (@kattiuscia) Fonte:Geru Maã: Filosofia Afreekana.



Foto: Reinaldo Potiguara – Integrantes Laboratório Geru Maã – IFCS/UFRJ

Considerações Finais

Em se tratando de literatura e cosmovisão afro-ameríndia, nos faz pensar e agir em defesa e valorização das diferenças, do equilíbrio do ser. Em Maat, nós vamos nos purificando pela transcendência para a outra atmosfera. Com o Xapiri o encantado da Floresta, vamos percebermos que o planeta é um todo ordenado, não está separado dos bichos e/ou animais racionais. Tanto os negros como os indígenas, buscam seu protagonismo, sem contudo, virar peça de museu, ou figura folclórica a ser reverenciada por escritores brancos e/ou mesmos, renomados filósofos do indianismo afro-indígena. Pensar o sujeito individualmente ou coletivamente, como diz Julie Dorrico: “Imprimir suas palavras no livro, na “pele de papel”, denota o reconhecimento do alcance dos instrumentos tecnológicos da sociedade majoritária. A palavra oral passada milenarmente de geração em geração não conseguiu frear as incursões predatórias dos não indígenas, nem os projetos do governo contra o seu povo”. Com relação a deixar algo escrito para ser pensado e estudado pelo branco na pele de papel? Podemos afirmar que a engrenagem mudou. A militância de escritores indígenas e africanos, hoje procuram marcar seu próprio território com autores e pensadores próprios. A esse respeito Julie Durrico afirma: “Esse ato é importante, porque marca uma presença, uma voz, via livro impresso, literatura, antropologia, sua reivindicação pelo direito à re-existência.



Foto: Reinaldo Potiguara – Auditório Fundão/UFRJ – Letras - NAE

A sociedade não indígena despersonaliza o sujeito indígena porque se agarra ao imaginário construído desde os textos fundacionais do país escritos sob a ótica do colonizador e reproduzidos na literatura, na história, em quase todos os campos de saber. Colocar as palavras, a história em peles de papel significa inscrever o povo Yanomami na história do país, mas uma história adveniente desde si mesmo, de sua experiência e característica calcadas na diferença.” Em suma, os indígenas – e, em nosso caso, Davi Kopenawa – escrevem para publicizar condição e a causa indígena, para consolidá-la na sociedade civil, para afirmarem-se como sujeitos público-políticos, desde sua singularidade antropológica”. Em suma, os indígenas – e, em nosso caso, Davi Kopenawa, publicizam a causa indígena, para consolidá-la na sociedade civil, para afirmarem-se como sujeitos público-políticos, com singularidade própria. Concluindo o artigo em epígrafe: fechamos o pensamento e palavras de Grada Kilomba, reafirmando a importância de falar das nossas subjetividades, idealismos sensações, epistemologias,

pois somos sujeitos de direitos: “Assim como a hierarquia introduz dinâmica em que Negritude significa "estar fora do lugar" ela se refere ao fato de que branquitude significa "estar no lugar". Foi dito a mim que eu estava fora do lugar, já que na fantasia dela eu só poderia ser a plebeia. Meu corpo é visto como impróprio. Em meio ao racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos "fora do lugar" e, além disso: corpos que jamais poderão pertencer a algum lugar. Corpos brancos, ao contrário, são corpos sempre próprios, são sempre corpos em casa, "no lugar", corpos que sempre pertencem ao lugar”. E nós com certeza discordamos, pois não nos interessa o que a academia branca impõe com saber ontológico.

Agradecimentos:

Aos estudantes de graduação e Pós graduação de estudos indígenas, integrantes do Geru Maa/IFCS UFRJ; pela participação coletiva e de estudos ameríndios. A professora e Mestre em Filosofia e Ensino pelo programa de Pós-graduação de Filosofia e Ensino – PPFEN – CEFET / RJ. Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós Graduação de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS/PPGF. Coordenadora do Laboratório de pesquisa em Filosofia Africana - Geru Mãe no Ifcs/Ufrj. A Karine L. Narahara (she/her/ella), Assistant Professor Department of Anthropology University of North Texas (UNT). Pelo apoio aos estudantes ingressantes nas Universidades Públicas, pelo aporte teórico, que nos permite a todos crescerem sócio e politicamente em uma sociedade desigual e injusta. A Davi Kopenawa por seu trabalho que transcende fronteiras no mundo acadêmico. O que permitiu com sua presença na cidade de Niterói do ex. grande líder Arariboia, escrever esse trabalho.

Referências Bibliográficas:

Conferência de encerramento - Ipa theã oni: flecha para tocar o coração da sociedade não indígena - <http://www.centrodeartes.uff.br/eventos/brasil-a-margem-teko-pora/>

Instituto Sócio Ambiental, 2015: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/publicacao-a-queda-do-ceu-revela-o-pensamento-do-povo-yanomami>

Geru Mãe: Filosofia Afreekana:

<https://www.facebook.com/HEKAPHILOSPRETA/>

REVISTA IHU ON-LINE – Por: Ricardo Machado | 18 Abril 2018

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578108-o-grito-silencioso-de-davi-kopenawa-e-dos-yanomamis-nas-peles-de-papel>

V IDEO –

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=a595bNStdMU

<https://www.geledes.org.br/somos-indios-resistimos-ha-500-anos-fico-preocupado-e-se-os-brancos-vao-resistir/>

IHU On-Line. (Ricardo achado 19/08/2017) <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/570809-o-incomparavel-olhar-yanomami-de-davi-kopenawa-entrevista-especial-com-jose-antonio-kelly-luciani>

Vídeo com entrevista de Julie Dorico -
<https://www.youtube.com/watch?v=a595bNStdMU>